

Elizabeth Adler

SOMBRAS  
DE  
PAIXÃO

Tradução  
Miguel Romeira

*Quinta Essência\**



# LIVRO 1

1890 – 1893



# 1

ERA UMA NOITE de luar, gelada e sem vento. Uma fina geada orlava as árvores de branco e emprestava uma nova e fria beleza a cada sebe e a cada sulco na terra. Numa aldeia lá ao longe, luzes piscavam a um ritmo irregular e o fumo de madeira de macieira a queimar subia em espiral das chaminés baixas das casas rústicas. Avançando noite adentro, o comboio estilhou a placidez rural com o seu repentino assobiar estridente, logo imitado – em jeito de troça, quase parecia – por uma coruja-branca que andava à caça.

Recostado no calor e no conforto do seu compartimento, Paul Bernard suspirou quando abrandaram pela enésima vez. A viagem já ia longa. Perdera o expresso de Paris e então tivera de optar: ou esperava três horas pelo próximo expresso ou então apanhava o regional, que se arrastava pelos campos da Normandia rumo à cidade. A deprimente estação de província não oferecia grande conforto, pelo que acabara por apanhar o comboio mais lento e agora já estava arrependido. Tornou a consultar o seu relógio de bolso, redondo e de ouro, e sorriu pesarosamente. Tinham passado apenas quinze minutos desde a última vez que vira as horas. Olhou pela janela, mas apenas viu o seu próprio reflexo com a escuridão em fundo – um homem alto e de cabelos escuros, que pouco passava dos trinta, com uns olhos castanhos bondosos mas firmes. Sorriu para o seu reflexo; ali estava um indivíduo próspero, um homem de bom gosto. Um homem exausto! A sua imagem desapareceu da janela quando entraram em mais uma mal iluminada estação rural. As portas foram abertas à bruta, a correspondência e o leite foram carregados e o guarda a bordo embrenhou-se numa interminável conversa com o chefe da estação – iria aquela viagem durar para sempre?

Com um silvar de vapor, o comboio arrancou lentamente. Até que enfim! A porta tornou a fechar-se de forma brusca e repentina e, então, Paul viu um velho saco de viagem passar por ele a voar e aterrar no compartimento, seguido por um cesto a deitar por fora e, por fim, pela figura de uma jovem que se atirou ali para dentro de qualquer maneira. Depois, aquele vendaval de saias de lã castanhas e longos e revoltos cabelos loiros levantou-se do chão da carruagem e inspecionou cuidadosamente os joelhos. Um fiozinho de sangue corria de cada um de dois buracos idênticos nas suas grossas meias de lã a descaírem para uns tornozelos muito delicados, o que a deixou consternada.

– Oh, eu não posso... – lamentou-se, em desespero. – Simplesmente não posso...

– Não pode o quê? – perguntou-lhe Paul, sorrindo.

– Não posso ir para Paris com buracos nas meias. O que irão as pessoas pensar?

Paul inclinou-se e apanhou-lhe o cesto do chão, começando depois a caçar as maçãs que iam rebolando pelo compartimento e arrumando-as ali dentro, entre um chouriço e um naco de pão.

– Não creio que as pessoas lhe olhem para os joelhos – disse, entregando-lhe cortesmente o cesto. – Normalmente, não o fariam.

Ela baixou apressadamente a saia e alisou-a; depois, com exagerada compostura, sentou-se à beira do assento em frente do dele. Com o rubor a subir-lhe às faces, mordeu o lábio, embaraçada.

Paul observou-a, divertido; as raparigas que ele conhecia nunca coravam. Erguendo o jornal, fingiu lê-lo, dando tempo à jovem para se recompor. Não havia dúvida de que ela se enganara na carruagem; a julgar pela sua aparência, decerto comprara bilhete de segunda classe. A jovem fechou os olhos e recostou-se no assento estofado e a luz trémula ali na carruagem desenhou-lhe sombras por baixo das maçãs do rosto largas e salientes, enfatizando-lhe a lisura e a macieza de uma pele de pêssego. Paul baixou o jornal e aproveitou para a olhar com atenção enquanto ela estava de olhos fechados. Era ainda muito nova – teria uns dezasseis anos, talvez. Era uma rapariga do campo embrulhada em camadas e camadas de roupas mal feitas ao corpo, mas havia nela algo deveras extraordinário. Ou, talvez, «exótico» – essa era uma palavra melhor para a descrever. Os seus abundantes e magníficos cabelos loiro-acastanhados caíam-lhe, revoltos, em volta dos ombros e não havia como esconder a longura daquelas pernas, mesmo com aquelas meias grossas e pavorosas

sapatos de camponesa. Paul estremeceu de choque ao examinar aqueles maljeitosos sapatos de sola grossa sujos de lama e então tentou imaginar aqueles mesmos pés com meias de seda e enfiados nuns elegantes sapatos de salto alto. Por baixo daquelas roupas ásperas e malfeitas, da lama e daqueles modos de camponesa escondia-se uma beldade. Não era algo que saltasse à vista, mas, nas circunstâncias adequadas, poderia ser evidenciado – Paul tinha a certeza disso e ele era um *connaisseur*; de mulheres entendia ele.

O que a levaria a Paris?, perguntou-se. Depois sorriu. O que mais levaria uma jovem do campo a Paris senão a vontade de «fazer alguma coisa», de se tornar «alguém»? Todas elas achavam que, em Paris, tudo era possível. Olhando pela janela, Paul viu-a refletida no vidro e questionou-se sobre o que poderia fazer por ela.

*Consegui*, pensou Léonie, ainda com o coração aos saltos – o resultado de uma combinação de medo, de excitação e da corrida para a estação mesmo à última hora. *Finalmente consegui!* Os seus dedos fecharam-se em volta do fino maço de notas que trazia no bolso. Não precisava de as contar; sabia exatamente quanto tinha ali. Era todo o dinheiro que possuía neste mundo, poupado do seu salário de ajudante de cozinha e empregada de mesa no café em Masarde. Claro que conseguiria um trabalho melhor em Paris logo que lá chegasse; afinal de contas, era uma rapariga instruída, não era? Fora o velho *curé* a dar-lhe pessoalmente lições ao longo de três anos; claro que isso fora antes de a mãe dela morrer. Depois disso, deixara de haver tempo para livros e para o estudo; havia que ganhar a vida. Mas era aos livros que ela tinha de agradecer. Sem livros, talvez nunca tivesse chegado a saber que havia mais para lá da vida na pequena aldeia onde nascera; antes, Masarde parecia-lhe uma grande cidade e teria sido fácil ela convencer-se de que toda a gente vivia assim. Mas depois tornara-se mais esclarecida; longe dali ficava o mundo a sério, onde tudo a esperava: pessoas empolgantes para conhecer, festas maravilhosas, música, romance, riso – e ela encontraria tudo isso, tinha a certeza. Fora por isso que partira.

Em menina, quando a sua mãe ainda era viva, Léonie arregalara os olhos ao escutar as histórias a respeito do seu pai e de como ele viajara pelo mundo inteiro com o circo – «da França à Rússia», afirmara ele, ainda que, estranhamente, a sua mãe o tivesse conhecido quando o pequeno circo visitara Masarde. Bronzeado e viril, vestido com uns *collants* brancos com brilhantes e músculos a retesarem-se sob as luzes, a sua habilidade

era montar um cavalo sem sela. Era egípcio, de olhos castanho-dourados e com um porte autoritário, e Emilie ficara doida por ele.

– És igual ao teu pai – dissera ela a Léonie. – Herdaste os seus olhos, o seu perfil... Ah, quem me dera que o tivesses conhecido. – Mas isso não acontecera; ele voltara para o circo uma semana depois de ela ter nascido. Oh, ele prometera a Emilie que regressaria, prometera-lhe que casariam e ela não perdera a esperança até morrer.

Léonie cerrou mais firmemente os olhos. Também não queria pensar em nada disso. Naquele mesmo dia fora ao cemitério gelado, onde a modesta e deprimente laje sepulcral lhe parecera demasiado pequena para abrigar a sua mãe tão bonita. Claro que ela dissera à mãe o que pretendia fazer; ficara ali de pé, com o vento gelado a emaranhar-lhe os cabelos e a picar-lhe os olhos, de tal maneira que as lágrimas que ela ia tentando conter se congelavam nas suas faces. Ficara ali parada à espera de alguma resposta, de algum sinal de aprovação, mas não houvera nada disso. Estava sozinha. Teria de desbravar o seu próprio caminho nesta vida. E iria fazê-lo em Paris.

O comboio freou e foi abrandando lentamente, acordando-a bruscamente do seu sono inquieto. Abriu os olhos, sobressaltada, e então deu com o homem sentado à sua frente a observá-la. Fitaram-se os dois sem pestanejar.

– Oh... – Endireitando as costas, Léonie compôs o cabelo, confusa. – Isto já é Paris?

– Ainda não; ainda temos meia hora de caminho pela frente. Mas passou quase toda a viagem a dormir. – Tornando a corar, aquela estranha beldade fitou-o com aqueles seus olhos enormes. Havia algo de único nas suas maçãs do rosto salientes, na curva do maxilar e nas orelhas pequeninas. Aquele era um rosto que dava nas vistas, concluiu Paul; não se escondia sob carnes rechonchudas e rosadas, antes ostentava orgulhosamente cada ângulo e cada covinha. Sim, ela poderia tornar-se uma beldade, se soubesse como o fazer.

O revisor bateu à porta e pôs-se impacientemente de mão estendida enquanto ela procurava o bilhete no bolso.

– Devia estar na segunda classe – disse-lhe depois, todo muito formal. – O seu lugar não é aqui e fez a viagem desde Masarde neste compartimento. Terá de pagar a diferença.

– Desculpe... – balbuciou ela. – Eu não sabia.

Ameaçador, o revisor apontou-lhe um dedo.



– Não me venha com lérias; o melhor é pagar e depressa.

Paul Bernard entregou-lhe discretamente algumas notas.

– A jovem está comigo.

O revisor recuou com um sorriso velhaco.

– Desculpe, caro senhor... Não me dei conta.

Inclinando-se para a frente, Paul entregou um dos seus cartões-de-visita à rapariga.

– Espero que me conceda o privilégio de a ajudar. Percebi que isto poderia ter sido problemático para si.

«Paul Bernard», leu Léonie. «Diretor, Cabaré e *Music Hall*, Place Royale, Paris.» Ele era tão inteligente e sofisticado... De certeza que a achava uma campónia palerma!

– É muito bondoso da sua parte, Monsieur Bernard – respondeu então, extremamente infeliz. – Vou pagar-lhe de volta, claro.

– O que a traz a Paris? – indagou ele, acendendo o charuto com um fósforo e tornando a recostar-se.

– Tinha de deixar aquele lugar. – As palavras saíram-lhe com uma prontidão que a surpreendeu. – Já não aguentava mais... – Arrependeu-se de ter dito aquilo; o que estaria ele a pensar dela agora?

– E que tipo de emprego pensa conseguir em Paris? Conhece alguém por lá?

– Não, *monsieur*. – Embora com o medo bem patente no olhar, ela ergueu confiantemente o queixo. – Mas estou segura de que conseguirei trabalho como empregada de mesa. Tenho experiência.

– Espere lá... – Paul rabiscou qualquer coisa à pressa no verso do cartão-de-visita. – Tem aqui a morada de uma pensão de respeito. Diga a Madame Artois que vai da minha parte; e, se estiver interessada, também tenho um trabalho para si.

Esperançada, Léonie aceitou o cartão de volta.

– Um trabalho, *monsieur*...?

– Há sempre lugar para uma rapariga assim no *music hall*.

O que queria ele dizer com «uma rapariga assim»? E o que poderia ela fazer num *music hall*? Olhou-o de soslaio, desconfiada.

– Mas eu não sei cantar nem dançar... – Os seus pés enlameados pareceram-lhe maiores do que nunca; ele só podia estar a troçar dela!

O homem sorriu.

– Há sempre lugar no cabaré para uma rapariga tão bonita como a menina.

Bonita! Agora ela sabia que ele era, de facto, louco – ou pior! Lembrando-se dos cochichos que ouvira a respeito das raparigas nas ruas de Paris, olhou-o, desconfiada, por debaixo das pestanas. Mas ele não lhe parecia especialmente maldoso; na verdade, tinha cara de ser muito boa pessoa. Ainda assim, ela não confiava nele.

O comboio foi seguindo vagarosamente pelos arredores de Paris, até que entrou na Gare du Nord. Logo que parou com um solavanco, Léonie abriu a porta a toda a pressa e, já com as suas coisas, pulou para a plataforma. Ao lembrar-se do dinheiro, voltou-se.

– Enviar-lhe-ei o dinheiro assim que possa, *monsieur*. E obrigada.

– Mas espere, espere um minuto... – Já com ela a rodar nos calcanhars, Paul ergueu a mão. – Não me deixa oferecer-lhe boleia? Afinal de contas, não conhece Paris.

– Não... Oh, não...

E Léonie afastou-se a correr pela plataforma, as maçãs a caírem-lhe do cesto e os cabelos loiros a esvoaçarem nas suas costas. Paul ficou a vê-la abrir caminho pelo meio da multidão à saída da gare e desaparecer nas ruas noturnas de Paris.

Encaminhando-se lentamente para a saída, Paul pensou para consigo: *Só queria saber o que irá ser desta rapariga...*

## 2

COM A SUA FIGURA larga e algo quadrada, Madame Artois mais parecia um couraçado em figura de gente; dirigia a sua pensão com um misto de mão firme e de boa disposição e apenas admitia ali mulheres, sem exceções. Os homens já lhe tinham dado problemas de sobra no passado; estavam sempre a fazer-se a uma rapariga e depois a outra e isso originava terríveis cenas de ciúmes. Ao mesmo tempo que tratava de que a sua fosse uma pensão de respeito, Madame Artois gostava muito das «suas meninas» – as jovens dos *music halls* e dos cabarés de toda a cidade. A própria Madame fora uma *artiste*; há anos e anos, também ela cantara em quase todos os palcos de Paris e, revendo-se nas «suas meninas», era com enorme prazer que agora ia monitorando tanto as suas carreiras como os seus enredos românticos.

Madame era também uma mulher que sabia muito bem o que queria da vida e, naquele momento, o que ela mais queria era uma ajudante de cozinha. A última fora-se embora nessa mesma manhã – voltara para casa para cuidar da mãe enferma –, deixando-a desamparada e enfurecendo a cozinheira, que se recusava a preparar o jantar a menos que tivesse alguém para lhe descascar os legumes e lavar a louça. Quando Léonie lhe apareceu à porta, foi como uma dádiva dos céus.

– Estás com sorte – disse-lhe Madame. – Não é fácil conseguir trabalho em Paris, mas posso oferecer-te um, com cama e comida incluídas. – O alívio na expressão da rapariga foi tão evidente que, por um momento, Madame se perguntou o que teria ela feito caso tivesse ouvido um «não». Era óbvio que, tal como todas faziam, também ela chegara a Paris sem um tostão, sem quaisquer perspetivas e sem a menor ideia

do que iria fazer ao chegar. Na idade dela, pensou Madame, suspirando ante a irresponsabilidade da juventude, apenas chegar ali parecia ser já um fim em si.

– Obrigada, madame, posso começar já de seguida. – Léonie despiu o casaco apressadamente, antes que Madame Artois pudesse mudar de ideias. Empilhando os pratos no lava-louça, mergulhou as mãos geladas na água quente e cheia de espuma, sentindo os dedos a regressarem à vida. Nunca pensara que lavar a louça a pudesse deixar tão feliz!

O minúsculo quarto nas águas-furtadas estava limpo e bem aquecido, a estreita cama de ferro e com vários edredons empilhados era confortável e, depois de ela desemalhar os seus parques pertences, aquele espaço tornou-se seu. Pendurou os dois vestidos no armário e guardou as meias de lã cerzidas e os humildes trajes menores – tudo muito bem dobrado – na cómoda, sobre a qual colocou a meia dúzia de livros que possuía e também as suas bonecas. Não eram realmente bonecas, mas sim duas estranhas estatuetas; ainda assim, em criança apenas tivera aquilo para brincar e era também algo que herdara do pai. Passou os dedos pelos símbolos decorativos gravados em volta da base. Supunha que fossem egípcios, mas não tinha a certeza, embora o gato não se parecesse, de maneira nenhuma, com os gatos que ela conhecia das quintas – era esguio, elegante e aristocrático, com um focinho triangular e miudinho e com uns olhos oblíquos. Em pequena, ela adorava aquele gato. Quanto à outra figura, tanto podia ser uma leoa como uma mulher. Na verdade, era um pouco de cada: tinha cabeça de leoa e corpo de mulher. Léonie sempre a achara muito bela. Pela milésima vez, perguntou-se se aqueles símbolos quereriam dizer alguma coisa e, em caso afirmativo, o quê?

Suspirou de satisfação ao olhar em volta do seu novo lar. Na noite anterior, aquele quarto gelado e triste junto à estação custara-lhe, exatamente, metade do total que ela reservara para a semana inteira e tal despesa deixara-a chocada e também assustada. Na verdade, tinha de agradecer a sua sorte ao homem no comboio; afinal de contas, fora ele a encaminhá-la para ali. Pagar-lhe-ia logo que possível. Mas ali estava ela; chegara a Paris há apenas um dia e já conseguira trabalho; o que mais podia desejar?

*Paciência*, pensava Léonie apenas três meses mais tarde, de cotovelos apoiados no parapeito da janela do seu minúsculo quarto nas

águas-furtadas da casa alta e estreita no Boulevard des Artistes. *Tenho de ter paciência.* Contemplou as movimentadas ruas e praças de Paris que se estendiam lá em baixo, como se a postos para um qualquer empolgante jogo em que ela mal podia esperar para participar também. Mas como? Quais eram as regras? Qual era o ingrediente secreto, perguntava-se ela, que fazia uma pessoa «ser» de Paris? Aquela era uma cidade assustadora – tão assustadora quanto glamorosa. As ruas estavam cheias de cafés e de bistrôs, de teatros e de cabarés, de salões de jogo e de lojas e as pessoas que nelas circulavam tinham ar de quem fazia coisas empolgantes; pareciam todas artistas, atrizes, escritores e gente rica, muito rica. Sem esquecer as ajudantes de cozinha!

Suspirando pesarosamente, Léonie pôs a sua touca e desceu os sete lanços de escadas até à cozinha para ir buscar o pequeno embrulho com o almoço que preparara na véspera à noite. Era a tarde de domingo, a sua folga, e a sua ideia era passá-la como de costume – a explorar a cidade.

Foi para o Bois de Boulogne, ficando a passear calmamente pelas ruas ao longo das quais se alinhavam majestosas moradias e espreitando por entre as grades de ferro de uma delas para vislumbrar os magníficos interiores de mármore, até o *concierge* a pôr a andar dali para fora com um olhar severo. O apinhado café à esquina da Place Saint-Georges pareceu-lhe colorido e alegre. Parou ali à porta, demasiado assustada para entrar sozinha; em todo o caso, tão-pouco podia gastar dinheiro – tinha cada tostão contado. Todos lá dentro pareciam estar acompanhados; seria imaginação sua ou conheciam-se todos? Um casal saiu pelas traseiras do café e seguiu descontraidamente pela rua, de braço dado e a conversar num tom íntimo, a cabeça dele inclinada para a dela e a mulher a sorrir-lhe. Ela era tão elegante..., pensou Léonie, seguindo-os e admirando o vestido chique e os delicados sapatos de salto alto da mulher. Fascinada pelo calor e pela intimidade que deles emanava, aproximou-se mais, ansiando por fazer parte daquilo e escutando desavergonhadamente a sua conversa, até que o casal parou abruptamente e ficou a olhar para ela. Embaraçada, Léonie rodou nos calcanhares e afastou-se.

Sentou-se num banco no Bois de Boulogne e comeu as suas sanduíches, dando migalhas aos passarinhos da cidade que se juntaram ali à volta e admirando os magníficos cavalos e respetivos cavaleiros que iam passando na rua, o que a fez recordar os cavalos de lavoura que ela adorava montar lá na aldeia onde nascera. O Bois era cheio de surpresas: estava por ali um circo. Léonie parou diante do cartaz e foi descendo

com o dedo pela lista dos artistas, de coração ligeiramente acelerado, perguntando-se se iria encontrar ali o nome do pai. Mas claro que não encontrou. E também havia baile ao ar livre! Descobriria-o no seu primeiro domingo ali e todas as semanas voltava para ficar a assistir, embora não se atrevesse a participar; limitava-se a observar de longe, a ouvir a música que chegava do fundo do relvado e a vislumbrar os pares que dançavam e as raparigas como ela, que namoriscavam com os jovens nas mesas sob as árvores. Qual seria a sensação, perguntou-se, de seduzir um homem? Suspirando de frustração, voltou costas a toda aquela cena. *Paciência*, disse para consigo, *tenho de ter paciência. Um dia farei parte de tudo isto.*

Era inegável que se sentia sozinha, mas as noites de domingo mais do que compensavam as tardes solitárias. Era nessa altura que todas as raparigas estavam em casa e, não tendo de sair a correr para o teatro, ficavam por ali a preguiçar e a contar mexericos. Aos domingos, a pensão parecia um lugar completamente diferente, um lugar descontraído e pachorrento. Léonie deliciava-se com a atenção que as outras raparigas lhe dedicavam. Deixavam-na ficar na orla do grupo a ouvi-las comentar os últimos romances e falar das estrelas de cabarés. Era a melhor altura da semana e elas tratavam-na como a uma irmã mais nova.

– Temos de fazer alguma coisa aqui com a Léonie – disse Loulou numa dessas noites, estendendo-se mais confortavelmente no grande sofá de estofos bem cheio ali no salão a bebericar o seu brande. Era mais um monótono serão de domingo e Léonie acabava de servir o café após o jantar. Deteve-se, surpreendida.

– Como assim, Loulou?

– Ora, basta olhar para ti. Até que nem és desengraçada por baixo desses cabelões e dessas roupas horrorosas. – Colocando-lhe um dedo sob o queixo, Loulou inclinou-lhe a cara para a luz. – Sim, és muito bonita, de facto. Não achas, Bella?

Bella inspecionou Léonie.

– Quem me dera ter uma pele assim – comentou, invejosa. – Nunca irás precisar de pó compacto, se bem que um pouquinho de *rouge* aqui, por baixo das maçãs do rosto, havia de realçar-te os olhos.

Jolie veio para junto de Bella.

– E o cabelo... Olha, tens de o prender ao alto, assim. – Agarrou uma mão-cheia dos cabelos de Léonie e prendeu-lhos no alto da cabeça para demonstrar como resultaria o penteado.

– Mas eles depois não ficam no lugar... – protestou Léonie. – Nunca ficam, por mais ganchos que lhes ponha.

– Minha querida, isso será parte do encanto. – Bella sorriu com malícia. – Um penteado ligeiramente descuidado, como se não ligasses a essas coisas... Sim, seria um visual encantador para ti. Um belo contraste com a inocência.

– Meninas, meninas, atenção com a Léonie! – avisou Madame Artois. – Ela não vai subir ao palco e não a quero com um ar «vulgar».

– Madame Artois! – protestou Loulou, indignada. – Está a dizer que nós temos um ar vulgar?

– Claro que não, mas parecem raparigas dos palcos e a Léonie não é assim. Não me importo que a ajudem a ficar mais arranjada, Deus sabe como ela bem precisa, mas atenção aos exageros. – Madame Artois gostava de Léonie. Não queria que as «suas meninas» a estragassem, que a fizessem parecer demasiado sofisticada; já vira demasiadas jovens tornarem-se mulheres cansadas e prematuramente envelhecidas, desgastadas por demasiados anos como coristas, por demasiado álcool e, claro, por demasiados homens!

– Bella, traz-me o estojo de maquilhagem e a escova – pediu Loulou. – Vamos transformar a Léonie.

«Senta-te aqui, Cinderela – disse depois a Léonie, oferecendo-lhe um chocolate da grande caixa que lhe fora oferecida pelo seu mais recente admirador. Era uma rapariga alta e cheia de curvas, com a boca larga pintada de carmesim e sempre de gargalhada pronta. Era muito popular no cabaré, onde as suas audaciosas canções lhe tinham granjeado fama. Apesar do seu caráter *risqué*, parecia uma rapariga íntegra e essa combinação perversa resultava deveras atraente. Além disso, era generosa; gostava de Léonie – na verdade, a rapariga causava-lhe uma certa pena, supunha. Todas gostavam dela; Léonie era a irmã mais nova que qualquer uma delas deixara para trás, ou talvez a jovem inocente que cada uma delas já fora. Loulou aplicou o *rouge* ao de leve, fazendo o pincel deslizar sobre as maçãs do rosto de Léonie e dando também um toque no queixo e nas fontes. Bella examinou o resultado e depois acrescentou um pouco de bronze cintilante na curva das pálpebras, ao mesmo tempo que Jolie ia trabalhando impiedosamente com a escova, levantando os cabelos e puxando-os para trás, até fazer Léonie gritar em protesto.

– «A beleza dói» – citou Jolie num tom severo, embora a citação estivesse errada. – Mas vale sempre a pena! – acrescentou com uma risada.

– E pronto! Que tal a acha, Madame Artois? – perguntou Loulou quando as três recuaram para admirar os seus esforços.

A diferença era extraordinária, pensou Madame Artois.

– Parece-me um nadinha demasiado berrante – acabou por dizer.

– «Berrante»?! Ora, ela está tão discreta... Até uma freira podia andar maquilhada assim.

– Uma freira jamais quereria semelhante coisa, minha querida. Mas estás muito bonita, Léonie. – Hesitante, Léonie ergueu uma mão para tocar nos cabelos.

– Veem...? Já está a cair... – protestou.

– Não, não, Léonie, é isso mesmo o que a gente quer – assegurou-lhe Jolie. – A ideia é que se escapem mesmo umas quantas madeixas.

– Porque não te vês ao espelho? – sugeriu Loulou.

– Não, ainda não, espera um minuto! – Bella subiu as escadas a correr e regressou momentos depois com um vestido de lã de um suave tom de alperce, um modelo de gola alta que parecia recatado, mas não o era realmente. – Toma lá, é capaz de te servir – disse, estendendo-lho. – Nunca me ficou bem, mas julgo que é mesmo a cor indicada para ti.

– Oh, Bella! – Léonie mal podia acreditar. – A sério...?

– Pois claro – disse Bella, satisfeita por Léonie gostar tanto do vestido. – Deve assentar-te na perfeição, se bem que é capaz de te ficar um bocado grande no peito... É curto nas pernas, claro.

– Vá lá, Léonie, veste isso – pediu Jolie com impaciência.

Ajudaram-na a despir as várias camadas de roupa que trazia, até a deixarem ali de pé em combinação de lã e cuecas, encolhida de embaraço sob o coletivo de olhares.

– Tens muito boa figura, sabias? – comentou Loulou. – Mas escondede-la debaixo de tanta camada de lã que usas!

Bella enfiou-lhe o vestido pela cabeça, com cuidado para não lhe desmanchar o penteado, abotoou-lho nas costas e depois fê-la voltar-se para inspecionar o resultado.

Léonie olhou-as, ansiosa; só esperava estar com boa aparência – aquele silêncio era enervante.

Por fim, Loulou ergueu o copo para brindar.

– À tua, Léonie – disse. – És uma beldade. E palpita-me que, depois desta noite, serás outra pessoa.

Era a segunda vez que alguém lhe chamava «beldade». Seria possível que isso fosse verdade ou estaria também Loulou a troçar dela?



Léonie atravessou o salão e foi ver-se ao espelho de moldura dourada que ocupava toda uma parede. Achava-se igual, mas estaria mesmo? O novo penteado enfatizava-lhe a linha firme do maxilar, deixando à mostra umas orelhas bonitas e caindo-lhe em cascata pelas costas. O *rouge* tornava-lhe as maçãs do rosto mais pronunciadas. Os seus olhos pareciam maiores e a cor do vestido intensificava-lhes o brilho âmbar; ainda assim, continuava a ser apenas ela, com o mesmo rosto que já conhecia. Mas o vestido era uma maravilha! Embora lhe ficasse grande, parecia moldar-se onde devia, tornando-a mais alta e curvilínea e cingindo-lhe elegantemente a cintura. Sim, dava-lhe um ar muito diferente. Nem lhe fazia diferença que fosse um tudo-nada demasiado curto; era o vestido mais bonito que já tivera.

– Parece uma gatinha que ainda não aprendeu a usar as unhas... – murmurou Bella ao ouvido de Loulou.

Silenciosa, Madame Artois ia observando. A criança de ar desleixado que lhe aparecera à porta ganhara uma nova dimensão. Claro que Paul Bernard se apercebera de imediato do seu poder de atração; fora por isso que a ajudara. E acertara em cheio, claro.

Com entusiasmo crescente, Léonie examinou-se ao espelho. Sim, estava mesmo com melhor ar – bonita, podia dizer-se. Voltou-se, tentando ver que tal lhe assentava o vestido nas costas; levou as mãos aos cabelos apanhados ao alto e depois passou um dedo pela face para ver se o *rouge* saía.

– Oh, obrigada, obrigada a todas – disse por fim, de lágrimas a caírem-lhe pelas faces e a esborratarem o *rouge*. – São todas tão simpáticas e tratam-me tão bem...

– Que disparate! – Elas riram. – Foi divertido. E nunca mais serás a mesma, Léonie!

– Bem, o que acha, Madame Artois? – perguntou ela, pondo-se em pose diante da dona da pensão.

Madame Artois suspirou.

– Acho que vou ter de arranjar uma nova ajudante de cozinha e que vamos ter de te arranjar um trabalho melhor. Amanhã falo com Madame Serrat; ela tem uma casa de *lingerie* na rue Montalivet e ouvi dizer que anda à procura de uma assistente. Julgo que podes dar conta do serviço tão bem como qualquer outra.

– *A sério?! A sério, Madame Artois?!* – Léonie mal podia acreditar. – Oh, obrigada, obrigada. – Abraçou-se à dona da pensão e deu-lhe

um beijo, fazendo depois o mesmo a Loulou, a Bella e a Jolie. – Nunca esquecerei esta noite – prometeu-lhes.

Nessa semana, a entrevista de Léonie com Madame Serrat foi o tema central de conversa entre as raparigas. Mostravam-se todas convictas de que devia ser ela a ficar com o lugar.

– Embora eu não entenda a tua preocupação, Léonie – comentou Loulou numa dessas ocasiões. – Num minuto eu conseguia que te aceitassem lá no cabaré.

Léonie riu-se ao ouvir aquilo. Claro que isso não era verdade e, além do mais, a ideia de trabalhar num cabaré assustava-a. Madame Artois dissera-lhe que ela ia gostar de trabalhar na Serrat e, se se saísse bem, poderia até ser promovida e passar a ser uma vendedora a sério. Entretanto, as raparigas tratavam de a ajudar sempre que tinham um momento livre. Jolie ensinou-a a pentear-se sozinha, mas de forma menos vistosa – optando agora por lhe apanhar os cabelos loiros num lustroso coque; também coseram uma faixa de veludo bronze-escuro à orla do vestido, para o tornar mais comprido, e juntaram-lhe um colarinho do mesmo tecido. Os sapatos eram um problema; nenhuma das raparigas tinha nenhuns que lhe servissem e era óbvio que não poderia usar o seu velho par. Por fim, Madame Artois levou-a a uma sapataria e Léonie escolheu uns sapatos pretos de salto baixo, simples e elegantes, iguais aos que vira as outras raparigas usarem; mas o preço deixou-a em choque.

– Encara isto como um investimento, minha querida – aconselhou Madame Artois. – Estes sapatos porão os teus pés na verdadeira estrada para o sucesso.

Como Léonie não estava habituada a andar de saltos, Bella e Jolie obrigaram-na a praticar, para evitar tropeções, e então ela descobriu que os sapatos a faziam sentir-se elegante, o que a surpreendeu. Pela primeira vez na vida, não tinha vergonha do tamanho dos seus pés. Como presente de boa sorte, Madame Artois ofereceu-lhe um par de finas meias de algodão *lisle* e Loulou ofereceu-lhe uma pequena pregadeira dourada com uma bonita pedra de âmbar ao centro.

– Isso não vale nada – avisou, quando Léonie se desfez em «obrigadas» –, mas fica bem com o vestido.

Léonie deixou a pensão ao começo da manhã de sábado; pusera o seu vestido novo e, por cima, a segunda melhor capa de lã castanha que

Madame Artois possuía, aquela com uma fina gola de pelo. A entrevista era às nove e meia e, às nove e quinze, já ela estava na rue Montalivet, a andar ansiosamente de cá para lá; já passara algumas dez vezes em frente da loja e a cada minuto sentia-se mais nervosa. Não imaginara que a Serrat fosse tão intimidante na sua elegância. Nas janelas rasgadas viam-se cortinas de veludo cor-de-rosa e o toldo – às listas cor-de-rosa, com o nome do estabelecimento, «Serrat», escrito em letras de um rosa mais escuro – formava uma protetora meia-lua sobre os degraus de mármore curvos. Sob o olhar de Léonie, um rapazito surgiu ali para limpar o tapete cor-de-rosa diante da porta envidraçada. Para rematar, deu uma polidela à placa de bronze à entrada, deixando-a a reluzir; depois, tornou a desaparecer no interior da loja. Já deviam ser quase nove e meia, pensou Léonie, aproximando-se nervosamente da loja e entrando atrás dele.

Ao fechar a porta atrás de si, ouviu uma sineta a tocar baixinho e então parou ali um momento, boquiaberta ante o que a rodeava. Era como estar dentro de uma caixa com forro de veludo rosa – tanto as paredes como o teto estavam revestidos desse material, guarnecido com botões de cetim. Candelabros de cristal iluminavam compridas mesas de vidro, sobre as quais havia unicamente uma enorme taça redonda cheia de lenços brancos de finíssima flanela e também golas de renda, lacinhos de seda e fivelas de madrepérola. Ao longo de uma parede estavam em exposição vários roupões cheios de rendinhas e orlados de penas ou de faixas de seda ou de cetim em tons pêssego, ostra, lilás e pistacho, e, tão delicados como amêndoas da Páscoa, eram de deixar água na boca. Léonie suspirou de deleite. Desejava tocar-lhes, sentir a lisura do cetim contra a sua face e envolver o seu corpo naquelas sedas.

Do fundo da loja veio uma mulher alta e sorridente.

– Bom dia, madame – saudou. – Posso... – Deteve-se ao deparar com Léonie.

– O que deseja?! – perguntou abruptamente, a sua voz a acelerar da cortesia ensaiada de qualquer assistente de vendas para uma irritação esganiçada. O que queria aquela rapariga dali, a sujar a alcatifa creme com a poeira das ruas?

– Queira desculpar, mas a senhora é Madame Serrat? Tenho uma entrevista marcada para as nove e meia. É por causa do lugar, compreende?

– «O lugar»?! Então, o que está a fazer aqui?! Não sabe que não deve usar a porta dos clientes? Seja como for, neste momento Madame Serrat está ocupada. – De nariz empinado, fitou Léonie. – O melhor é

ir-se já embora, antes que chegue alguma cliente... Elas não querem ver gente do seu tipo por aqui.

– E devo ir por onde? – perguntou Léonie, aflita, já a recuar para a porta.

– Pelas traseiras, é claro, e depois ao fundo do beco, sua rapariga palerma.

De mãos a transpirar, tal era o medo, Léonie saiu e parou à porta um instante para, usando a manga, limpar as impressões digitais da lustrosa maçaneta. Pelos painéis de vidro, viu a mulher de olhar cravado nela e então desceu a rua a correr, à procura do beco. Decerto passara por lá sem o ver e já estava em cima da hora. Deus do céu, ia chegar atrasada! Iria perder a sua chance de conseguir aquele trabalho; como teria coragem de contar lá na pensão o que acontecera? Oh, graças a Deus, ali estava o beco. Vislumbrou-o, estreito e a serpentear pelo meio dos edifícios, e atravessou-o a correr, em busca da entrada dos fundos da Serrat. O rapaz que ela vira há pouco estava sentado ao cimo de um curto lanço de degraus de pedra, a comer um pãozinho e a sujar de migalhas o fato de cetim. Trocara as suas roupas normais pelo esplêndido traje de um príncipe indiano e tinha o turbante ali ao lado, sobre o degrau; presa à frente com uma joia, a pena de águia-marinha sacudia sob a brisa matinal. Tinha uma pele acastanhada e lustrosa que contrastava com o cetim rosado e fitou-a com uns olhos pretos e sorridentes. Léonie nunca vira ninguém como ele.

Ao ver-lhe a expressão surpreendida, o rapaz deu uma gargalhada.

– Não te preocupes – disse-lhe. – Isto é apenas a ideia que Madame Serrat tem de como um ajudante de loja se deve vestir de forma elegante em Paris. Sou o moço de recados; abro a porta aos clientes, sirvo os cafés e as bebidas e vou entregar as compras. Madame Serrat viu não sei onde uma fotografia de um jovem ajudante mouro, daí esta farpela!

– E não te importas? – perguntou ela, fascinada com o rapaz.

– Não, é apenas um trabalho, mas talvez leve a mal quando for mais velho. – Parecia ter uns catorze anos, mas Léonie não queria perguntar-lhe a idade porque poderia soar indelicado.

– Tenho entrevista marcada com Madame Serrat às nove e meia – disse-lhe então, recordando de súbito o motivo que a trazia ali.

– Nesse caso, já estás atrasada, mas não te preocupes, de momento ela está ocupada. O fornecedor das sedas acaba de chegar de Milão e ainda vai demorar meia hora, pelo menos. Podes esperar lá dentro, se quiseres.

– Importas-te se eu me sentar aqui contigo? – Léonie não estava com vontade nenhuma de passar meia hora sozinha lá dentro; aquela mulher zangada poderia pô-la a correr da loja uma vez mais.

O rapaz percebeu que ela estava nervosa.

– Se vens falar com Madame Serrat para trabalhar aqui, porque chegaste atrasada? Seria de esperar que viesses antes da hora.

– E vim. Entrei pela porta da frente e uma mulher que lá estava mandou-me embora... Disse que eu já devia saber que não podia entrar por ali!

– Deve ter sido a Marianne. – O jovem ajudante tirou um pãozinho fresco do saco de papel que tinha ali ao lado e ofereceu-lho. – Essa é um verdadeiro terror. Assusta as raparigas todas.

– Mas porquê? – Pensativa, Léonie trincou o seu pãozinho.

– Não sei. Há mulheres assim, suponho. Vais ter de te acautelar com ela; bonita como és, de certeza que a Marianne se vai encher de ciúmes.

Léonie lançou-lhe um sorriso radiante. Ele dissera-lhe que ela era bonita!

– Qual é o teu nome? – perguntou.

– Maroc.

– «Maroc»?! Mais nada?

– Mais nada. Nasci em Marrocos. O meu pai trouxe-me para Paris quando eu era muito pequeno; acho que só tinha uns quatro ou cinco anos. Depois desapareceu. Fui criado pelas freiras no orfanato e acabaram por me chamar sempre *Le Maroc*, «o marroquino». Às tantas, o nome pegou e a verdade é que me agrada.

Tinham muito em comum; eram os dois jovens e estavam os dois sozinhos em Paris.

– Acho que devias ir entrando – aconselhou ele, colocando aquele atroz turbante coroadado por uma pena e lançando-lhe um sorriso. – Boa sorte. Espero que consigas o lugar.

– Obrigada. – Agora a sentir-se bem melhor, Léonie subiu os degraus atrás dele e seguiram por uma passagem sombria. – Sabes, Maroc – disse-lhe, quando ele a deixou à porta do escritório de Madame Serrat –, és o primeiro amigo verdadeiro que faço em Paris.

– Fico contente. – Ele sorriu.

Endireitando as costas e respirando fundo, Léonie bateu à porta cor-de-rosa.

Cinco minutos depois, saiu para a rue Montalivet já como a nova assistente de vendas da Serrat. Todo aquele novo e luxuoso mundo de veludos cor-de-rosa, de sedas cor de pêssego e de cetins em tons de ostra era agora o seu.

– Léonie! – chamou Marianne num tom exasperado. – Onde estão os embrulhos de Madame Jourdan?! Já devem estar prontos, não?!

Léonie fez o último laço apressadamente. Só tinham passado cinco minutos e eram três embrulhos grandes. Antes tivera de dobrar cuidadosamente cada peça e a seguir tivera de as embrulhar em separado.

– Desculpe, *mademoiselle*, aqui estão.

– Isso assim não está bem! – exclamou Marianne. De súbito, todas as atenções ali na loja se voltaram para Léonie. – Queira desculpar, madame – continuou Marianne, voltando-se com um sorriso cúmplice para a surpreendida cliente –, a rapariga vai refazer os seus embrulhos. – Puxou um dos laços. – Vê só, já se está a desapertar!

De pé e direito que nem um espeto atrás do enorme cadeirão cor-de-rosa de Madame Serrat, Maroc assistia a tudo com um ar solidário. Marianne estava mesmo desejosa de pôr Léonie a correr; implicava com ela sem cessar e fazia-lhe a vida num inferno – e parecia fazer questão de agir assim sempre que Madame Serrat se encontrava na loja.

– Qual é o problema da rapariga, Marianne? – interrogou Madame Serrat. – Parece ser terrivelmente lenta.

– É desmazelada, madame, simplesmente desmazelada. – Marianne desfez-se em sorrisos apologeticos. – Eu mesma trato dos embrulhos.

– Chega aqui, Léonie – chamou Madame Serrat num tom autoritário. Olhou de alto a baixo a rapariga parada à sua frente. Embora andrajosa, era asseada e de certa forma atraente, embora aquele cabelo fosse uma desgraça! – Há quanto tempo estás connosco?

– Há quatro meses, madame.

– Quatro meses...?! Já é tempo suficiente para saberes atar um embrulho, parece-me! Tens de te esforçar mais.

– Mas, madame, o problema é que... – O seu olhar encontrou o de Maroc por sobre a cadeira de Madame e ele franziu o sobrolho em sinal de aviso. – Vou esforçar-me mais, madame.

– E faz alguma coisa a esse cabelo... Prende-o atrás. Não podes tê-lo assim, a cair-te por todo o lado.

As outras vendedoras iam acompanhando a cena, com pena de Léonie mas sem poderem fazer nada. As queixas a Madame Serrat eram inúteis; Marianne era o seu braço direito e madame não queria ouvir nada de mal a seu respeito.

Corando ao ver-se humilhada em público daquela maneira, Léonie concentrou-se novamente na arrumação dos compridos móveis expositores com portas de vidro. Marianne era o único entrave à sua felicidade ali na Serrat. Porquê, oh, *porquê!*, implicar com ela daquela maneira?! Deus sabia que ela estava a esforçar-se ao máximo. Além disso, aqueles embrulhos estavam perfeitamente bem. Foi dobrando os conjuntos de camiseiro e cuecas de cetim e alisando as camisas de noite de cambraia plissada, esmerando-se a ajeitar as rosetas e os lacinhos na frente e tornando a arrumar tudo cuidadosamente nas respetivas gavetas. Muitas daquelas peças eram feitas por encomenda, mas a loja oferecia, em permanência, uma grande variedade de artigos prontos a levar. Os cavalheiros gostavam de ir ali comprar presentes para as amantes. Abrindo a primeira gaveta, Léonie observou de fugida os sensuais espartilhos em audacioso cetim preto ou em insinuante cetim vermelho, cheios de convidativos lacinhos e, pela centésima vez, perguntou-se *quem* os usaria e *onde?*

– Léonie. – Maroc passou-lhe discretamente um pequeno papel dobrado. – É do cavalheiro que está com Mademoiselle Gloriette – sussurrou-lhe. – Ele estava a assistir a tudo quando Marianne fez aquela cena. – Gloriette, a nova estrela do Cabaret Carnavalet, fazia-se sempre acompanhar pelo seu amante do momento quando andava às compras.

Escondendo-se atrás do móvel expositor, Léonie abriu o bilhete e leu-o à pressa. «Não se preocupe», escrevera ele, «ela apenas está com ciúmes por a menina ser tão bonita. Posso levá-la a jantar uma noite destas, para a compensar?» Surpreendida, Léonie ergueu o olhar e deu com ele a observá-la – um homem ainda novo, alto e bem-parecido, de cabelos loiros e encaracolados e com um ar confiante, parado atrás de Mademoiselle Gloriette, que estava ocupada a escolher tecidos para os seus novos vestidos. Sorrindo, ele ergueu as sobrancelhas numa inter-rogação e Léonie desviou o olhar, embaraçada e aborrecida ao sentir as faces corarem – aquele rubor denunciava-a sempre!

Regressou ao serviço, agora com o coração aos pulos de excitação. Um homem escrevera-lhe um bilhete, *a ela*, a convidá-la para jantar! Claro que não lhe passava pela cabeça aceitar, mas era uma história e peras para contar a Loulou, a Bella e a Jolie; mal podia esperar pelo

fim do dia, quando poderia regressar a correr à pensão para lhes relatar o sucedido; era tão *empolgante!* Ouviu Gloriette despedir-se e, depois, a sineta, quando a porta se fechou; à pressa, voltou-se para os ver pela janela.

– Léonie! Mostra-me esse bilhete! – ordenou Marianne numa voz baixa e ameaçadora, já de mão estendida. – Dá-mo! – Tomada de pânico, Léonie olhou em redor, em busca de alguma escapatória; nos respetivos balcões, as outras raparigas trataram de se fazer ocupadas, fingindo não estar com atenção àquela cena e Maroc saíra para ir almoçar no seu lugar do costume: os degraus das traseiras, no beco.

– Qual bilhete? – Com a voz a tremer, Léonie recuou, conservando atrás das costas a mão que segurava o bilhete.

– Aquele que o jovem acompanhante de Mademoiselle Gloriette te entregou. Eu vi-o a escrevê-lo e depois a sorrir-te nas costas dela.

– Não sei do que está a falar – mentiu Léonie. *Não ia* entregar o bilhete àquela mulher; sabia muito bem que Marianne depois o usaria para a fazer ser despedida. *Perdoai-me por mentir, Senhor*, rezou, *mas não posso perder o meu emprego.*

Marianne agarrou-lhe num braço e, à força, puxou-o para si. O bilhete estava na outra mão e, encostando-se ao móvel expositor, Léonie conseguiu enfiá-lo pela frincha da gaveta do meio. Marianne apertava-lhe o braço com tanta força que a começava a magoar e, então, Léonie mostrou-lhe a outra mão, agora vazia.

– Está a ver? Não tenho nada.

Por um instante, Marianne ficou em silêncio, a olhá-la com fúria.

– Eu *sei* que estavas a namoriscar com ele e *sei* que houve um bilhete. Ficas avisada, Léonie: se torno a apanhar-te, és imediatamente despedida. Não vou tolerar raparigas da tua laia a oferecerem-se aos clientes aqui na loja! Trata de ficar onde não te vejam; é aí o teu lugar.

– Mas eu não estava...

– E não sejas respondona! É claro que estavas! Eu bem vejo os homens a olharem para ti e também vejo como te pavoneias pela loja com esse cabelão todo a cair-te para os olhos! Trata de o cortar se não queres perder o emprego!

Regressou para o seu cubículo junto à porta; Léonie conseguia vê-la sentada à secretária a beber um chá. Marianne estava branca de fúria e as mãos tremiam-lhe de tal maneira que até derramou um pouco do chá.



Enfiando os dedos pela frincha na gaveta, Léonie recuperou o bilhete e meteu-o na manga. Saindo pela porta dos fundos, correu pela passagem sombria para se ir juntar a Maroc no beco.

À beira das lágrimas, sentou-se ao lado dele e, depois de recusar a enorme sanduíche que ele lhe ofereceu, contou-lhe de uma assentada como Marianne a atacara.

– Não chores, Léonie – disse ele, solidário. – Ela não vale isso; apenas está cheia de ciúmes de ti. Aposto que em todos estes anos em que trabalhou na Serrat, nunca ninguém lhe escreveu um bilhete a convidá-la para jantar. Por favor, não deixes que ela te faça chorar!

– Eu estou a chorar de raiva! É tão *injusto*! Sei que aqueles embrulhos estavam bem atados... E nem sequer tinha olhado para aquele homem até ele me enviar o bilhete... E isto não é de hoje, Maroc! Ela está sempre a implicar comigo. Oh, o que hei de fazer? É impossível agradar-lhe. Eu não ando a oferecer-me! *Eu* é que devia ter ciúmes *dela*! Se tivesse *aquela* emprego, seria a mulher mais feliz de Paris.

– Serias mesmo? Duvido. – Maroc estendeu-lhe um embrulhinho de papel contendo dois chocolates meio derretidos. – Toma, são para ti. São as melhores trufas de chocolate que há; Madame Serrat manda-as vir da Tanrades. Pensei que talvez te animassem.

– Oh, Maroc, és um amor... – Inclinando-se, Léonie deu-lhe um beijo e ele sorriu-lhe, todo contente.

– E então, vais encontrar-te com ele?

Léonie ficou chocada.

– Claro que não.

Maroc lançou as migalhas aos pombos que esperavam de volta dele.

– Tive de te entregar o bilhete, mas a minha esperança era que não fosses. Não te desperdices com homens como aquele; são uns velhacos. – Os seus olhares encontraram-se e Léonie percebeu que o rapaz falava muito a sério. – A vida tem muito mais para oferecer a alguém como tu, Léonie. Tu és diferente; és especial.

Maroc parecia tão sábio, tão adulto...

– Como sabes tanta coisa, tendo apenas catorze anos?

– Vivi toda a minha vida nas ruas. – Ele encolheu os ombros. – Sei como são as coisas... Sei-o melhor que tu.

Sentindo o pulso magoado onde Marianne lho apertara, Léonie esfregou-o, distraída, pensando naquele homem novo; o facto de ele ter

desejado conhecê-la era excitante. Mais animada, começou a comer a sanduíche que Maroc lhe dera.

– De futuro, vou tentar não me atravessar no caminho dela e também vou prender o cabelo ainda mais apertado. Até o corto, se isso for necessário para não perder o emprego.

– Por favor, não o cortes. – Maroc ergueu a mão e tocou-lhe ao de leve no cabelo. – É tão bonito... Parece uma juba dourada. Não consigo imaginar-te sem esse cabelo.

Léonie suspirou, os dois já a atravessarem a passagem de regresso à loja.

– Não o vou cortar, Maroc... A menos que me veja obrigada.

Carolina Montalva entrou com imponência na Serrat; vinha comprar meias de renda brancas. Encantada, Marianne sorriu e apressou-se a vir ter com ela, o que a fez resmungar de desagrado.

– Oh, céus... – disse para o jovem que a acompanhava. – É aquela velha megera... Estava com esperança de lhe escapar.

– Mademoiselle Montalva! – Marianne estava radiante. – Que bom vê-la.

Carolina – «Caro» para os amigos – enxotou-a com uma arrogante sacudidela da mão.

– Não se incomode comigo, Marianne, só cá vim para levar umas meias. Não quero ocupar-lhe tempo a tagarelar... Esta pequena serve perfeitamente; pode ser ela a atender-me. – Sentou-se na cadeira diante do balcão e, surpreendida, Léonie voltou-se do móvel expositor.

– *Eu*, madame?!

– Sim, a menina, pois claro. Quería ver umas meias de renda brancas.

Vendo-se sem alternativa, Léonie olhou de fugida para Marianne, que parecia querer fulminá-la com o olhar. Mademoiselle Montalva era uma das melhores clientes da Serrat; gastava sempre rios de dinheiro ali, encomendando tudo às dúzias e em todas as cores disponíveis. Marianne assentiu.

– Já sabes onde estão, Léonie. Por favor, trata de mostrar a Mademoiselle Montalva tudo quanto ela pedir. – Voltou-se para Maroc. – Maroc, serve champanhe a *mademoiselle*, por favor. – Regressou ao seu cubículo e ficou a vigiar ali da entrada enquanto Léonie trazia um

tabuleiro com meias e começava a desdobrá-las para a cliente as examinar.

– Temos três padrões de renda, madame.

Caro sorriu-lhe. Como era inesperado encontrar aquela jovem beleza na Serrat! Olhou de relance para Alphonse – tal como já esperava, também ele reparara.

– E qual deles acha *a menina* que é o mais bonito? – perguntou-lhe.

– *Eu*, madame?!

Caro riu-se.

– Sim, *a menina*, novamente; para si, qual é o padrão mais bonito?

– Bom, este sempre foi o meu preferido; é tão delicado...

– Então levo essas, pode ser aí uma meia dúzia de pares, e, se houver em preto, também levo seis pares.

– Sim, madame. – Léonie encaminhou-se ansiosamente para a mesa, para fazer o embrulho. Era a sua primeira venda! Olhou de fugida para Mademoiselle Montalva; era muito bonita, com um magnífico cabelo preto lustroso, que ela usava apanhado num nó na nuca, como as espanholas, e com umas sobranceiras pretas que pareciam asas sobre uns olhos escuros e enormes. E era tão chique! Aquele seu saia-casaco em tom rubi parecia muito macio e também caro. E os sapatos eram exatamente da mesma cor do fato... E tão *pequenos*! Maroc já lhe contara que o amante de Mademoiselle Montalva era muito aristocrático e muito, muito rico. Parecia simpático – não muito alto e tão-pouco com um ar especialmente aristocrático, achou Léonie, porém simpático. Apanhando-a a observá-lo, ele piscou-lhe o olho e ela apressou-se a baixar o olhar, não fosse Marianne tornar a acusá-la de «andar a oferecer-se». Concluído o embrulho, regressou ao balcão e entregou-o a Mademoiselle Montalva.

– Obrigada pelo seu conselho, minha querida – disse-lhe Caro com um sorriso, segurando depois o braço de Alphonse e encaminhando-se para a porta. – Já agora, como se chama?

– Léonie, madame – respondeu ela, sentindo o olhar de Marianne nas suas costas.

– Léonie... – Caro examinou a rapariga. – É mesmo o nome certo para si. Tenho de me lembrar de pedir para ser atendida por si da próxima vez que cá vier, Léonie. – Ignorando Marianne, desceu as escadas de mármore e desapareceu na rua com Alphonse.

Incapaz de dizer palavra, Marianne regressou à sua secretária e Léonie voltou para trás do balcão. Sentia-se nas nuvens; afinal de contas, se Mademoiselle Montalva queria ser atendida por ela da próxima vez que ali fosse, isso significava que já estava mais perto de se tornar uma vendedora a sério! E fizera tudo na perfeição; nem Marianne poderia negá-lo.